

Mondlane faria 79 anos

– evocação do Presidente Joaquim Chissano na oficialização da Fundação Eduardo Mondlane, um dos actos comemorativos da data e dos 30 anos da sua morte

Domingo

Artur Saúde

20/6/99

O arquitecto da unidade nacional, Dr. Eduardo Mondlane, completaria hoje o seu 79º aniversário natalício se fosse vivo. Na esteira das festividades da data, foi oficializada, na passada sexta-feira, a Fundação Eduardo Mondlane. Por esse propósito, *domingo* traz alguns extractos da intervenção do Presidente da República, Joaquim Chissano, abordando a figura de Mondlane como fundador da Frelimo.

O Presidente Joaquim Chissano disse, sexta-feira na capital do país, que o arquitecto da unidade nacional, Dr. Eduardo Chivambo Mondlane, não foi a praças públicas para ser conhecido, mas que pelos seus feitos ele entrava em cada um dos quintais e em cada uma das casas.

Chissano falava durante o lançamento oficial da Fundação Eduardo Chivambo Mondlane (FECM), que coincidia hoje com as festividades do 79º aniversário natalício de Mondlane, uma cerimónia que contou com cerca de 250 personalidades nacionais e estrangeiras, entre políticos, académicos, governantes, religiosos.

Destaque para esta cerimónia foi a presença de personalidades como os ex-presidentes da África do Sul, Nelson Mandela, e da Zâmbia, Kenneth Kaunda, que também assistiram ao lançamento da fundação.

Chissano, falando a pedido da família Mondlane, fez questão de afirmar que Mondlane começou com a unidade muito antes de ir a Dar-es-Salaam, em 1962.

Fundador da Frelimo, significa fundador da unidade moçambicana, ou melhor, da unidade de Moçambique. Mondlane começou essa unidade moçambicana não na altura em que ele apareceu em Dar-es-Salaam, em 1962.

Ele começa a fundar esta unidade, quando começou a preocupar-se pelo bem-estar do povo moçambicano, referiu Joaquim Chissano.

A dado passo e recorrendo à forma como teria ouvido falar de Mondlane, Chissano disse que o teria conhecido muito antes de o ver. Eu conheci Mondlane antes de o ver, quando ainda era criança. Meu pai fechou-me numa palhota, nós os dois e, durante a noite obrigou-me a ler um jornal. Li o jornal, era sobre um homem livre e o Governo colonial português percebeu que era um português, um português distinto, explicou Chissano.

Detalhando a distinção desta figura, o Presidente da República elucidou que a mesma residia no facto de o regime colonial português ter descoberto nele talentos e tinham medo dele. Tinham medo dele porque ele se impunha. E assim publicaram que era um português da educação do qual eles nunca se tinham interessado, mas ele próprio autoeducou-se, porque vinha de uma família pobre, tal como todos nós sabemos.

Contrariando o mérito que os colonialistas portugueses quiseram tirar da figura de Mondlane, por ter feito uma parte dos estudos em Portugal, Chissano disse que ... Eduardo, Mondlane foi para Portugal e os portugueses queriam tirar mérito disso, esquecendo-se dos esforços que ele fez para estudar na África do Sul.



Mondlane com Lúcio Lara ao (centro) e Amílcar Cabral à esquerda

mas queria criar uma consciência nacional a partir de um grupo de amigos estudantes e de amigos também...

MOÇAMBIQUE DE FORA

Segundo Chissano, da África do Sul ele desenvolve esta ideia de unidade de solidariedade e de cooperação entre as pessoas, é quando chega a Moçambique e cria o Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique, para que pudessem se interajudar, para descobrir o segredo que lhes podia fazer progredir.

Aliás, neste aspecto Joaquim Chissano fez questão de referir que mesmo criada esta organização, sob sua iniciativa, nunca se colocou em frente dela com intenções de liderança.

Ele não se colocou em frente desta organização como líder, porque não estava à procura de ser líder,

Mondlane retomou a sua acção a partir do exterior, particularmente dos Estados Unidos, para onde fora estudar e trabalhar, após a criação do referido núcleo. Joaquim Chissano ressaltou, Mondlane ter acreditado que algo iria acontecer.

Mondlane sabia que algo iria acontecer e acompanhou a vida de Moçambique, lá dos Estados Unidos, onde esteve a estudar. Lá onde esteve a trabalhar, promoveu palestras sobre Moçambique, e, em 1960, veio a Moçambique, visitou Lourenço Marques e Gaza.

De acordo com Joaquim Chissano, foi a partir destes pontos que Mondlane compreende o país inteiro e começa a programar a sua participação mais activa na luta de libertação nacional.

renço Marques e Gaza.

É assim que Mondlane se envolve na organização de saídas maciças de estudantes das colónias portuguesas, porque, segundo a explicação de Chissano, Mondlane não era de uma visão limitada. Quando falava de unidade nacional, não falava só da unidade para Moçambique, mas falava de um Moçambique integrado numa luta mais generalizada da África e, sobretudo, das colónias portuguesas.

Eis, conforme palavras de Joaquim Chissano, quando lhe disseram que o plano de saída dos estudantes de Portugal para fugirem das perseguições da PIDE havia de contemplar apenas estudantes protestantes, ele disse "não". Mas todos de todas as raças de todas as religiões e Mondlane desenhou um papel muito preponderante.

O presidente da República destacou que o que Mondlane tinha era preparar líderes do amanhã, não pensava apenas em libertação do país para se colocar uma bandeira. Mondlane pensava na libertação do país em todos os seus aspectos económicos, sociais e culturais, frisou Chissano.

Embora estando nos Estados Unidos da América e os estudantes então a afluírem em massa para Paris, Chissano, contou que Mondlane os visitou e alguns destes estudantes escreveram-lhe.

Mondlane visitou estes estudantes, depois de chegarem a Paris. Alguns deles

escreviam-lhe, porque estava na América, e, pensavam que podia ser um agente da CIA, para vigiar estes estudantes da luta de libertação. E ele provou o contrário, afirmou Chissano.

Chissano destacou o elemento extraordinário que se afigurou sobre a personalidade de Eduardo Mondlane, caracterizado por uma aprendizagem prática das lições de unidade nacional e recorda-se:

Lembro-me que teve reunião conosco e, nessa altura, a sua ideia de unidade nacional para além das fronteiras raciais, foi patente (...) os amigos a quem nos apresentavam eram brancos. Convidou-nos para reuniões (e Fernando Ganhão está ali) estavam lá presentes brancos. Aprendemos essas lições de unidade na prática. E com o grupo de moçambicanos que já tinha criado a União Nacional dos Estudantes Moçambicanos, éramos poucos, mas Mondlane era um homem extraordinário. Eu na altura teria 22 anos. E a diferença entre eu e Eduardo Mondlane é quase de 20 anos, disse.

Acrescenta Joaquim Chissano que porque Mondlane era um homem extraordinário, soube ver a luta neste embrião que estava a nascer da organização, uma liderança, e conosco fez consultas e tudo em volta da unidade das forças que deviam lutar para a independência de Moçambique.

O Presidente da República destacou o facto de Eduardo Mondlane poder ver nesse mesmo grupo como uma das forças. E aí discutimos sobre como contribuir para a maior unidade das forças de libertação. E de-



Eduardo Mondlane com Agostinho Neto, vendo-se à esquerda Marcelino dos Santos



Eduardo Mondlane, o primeiro à esquerda na fila da frente

cidimos, nós estudantes e ele Mondlane, não aderimos a um movimento nacionalista, a não ser que esse movimento nacionalista estivesse unido. Entendemos que devíamos, desde ali, trabalhar em primeiro lugar para a unidade dos movimentos nacionalistas de Moçambique. É assim que se vai criando a Frente de Libertação Nacional disse.

O CONGRESSO

A dado passo da sua alocução, o Presidente da República lembrou as duras

negociações havidas antes da fundação da Frente de Libertação de Moçambique, a partir dos três movimentos, a UDENAMO, MANU e UNAMI e disse:

"Mas, como eu disse, a Frente de Libertação Nacional também se criava através dos moçambicanos que ele tinha contactado em 1960, que se uniram aqui no interior de Moçambique e que deram a força para que a Frelimo fosse criada", referiu.

De acordo com Chissano, em 1962, os líderes da MANU e UDENAMO foram obrigados a assinar um acor-

do que, segundo ele, eles próprios não acreditavam no referido acordo, mas cada um pensava que assinando o acordo ia ganhar mais dinheiro, iria ter apoio internacional, havia de ter benesses do Governo de Gana (...) Não estavam certos, não acreditavam na unidade. Cada um deles queria ser líder, referiu.

Acrescentando, Chissano disse que a MANU pensava que era um movimento mais genuíno, a UDENAMO pensava que era um movimento mais genuíno. Adelino Guambe volta a

Dar-es-Saalam e Mondlane já lá estava, em Junho de 1962, para se discutir definitivamente sobre uma unidade sólida, a Frente de Libertação Nacional, com estrutura com uma composição.

Por outro lado, Chissano reiterou que nós, em Paris, eu e Mocumbi (que está ali) já sabíamos que Mondlane iria a Dar-es-Saalam, porque ele nos escrevera uma carta, cuja cópia tenho aqui (...) e, depois, escrevera-nos uma outra a dar-nos o relatório. Não foi fácil em Dar-es-Saalam, o Guambe fugiu, não quis participar no diálo-

go, deixou uma delegação, era preciso convencer e as negociações foram duras e longas, mas teve os préstimos sobre os sucessos alcançados disse Chissano. O Presidente da República conta que após este sucesso. Ele escreve-nos convidando-nos a participar no Congresso Constitutivo que iria ter lugar em Setembro. Via em nós uma força e queria que todas as forças se juntassem. Não éramos um movimento, éramos uma associação de estudantes.

De acordo com a narra-

ção, foram para esse encontro representantes da MANU, representantes da UDENAMO e UNAMI, de Governo da Tanzania, do Quênia e outras organizações. Forjou-se esta verdadeira unidade: E fez-se o Congresso, em Setembro, mas o mérito de Mondlane não acaba por ter conseguido esta unidade (o mérito de Mondlane foi de ter sabido mantê-la, ultrapassaram-se as dificuldades, porque logo, já em Junho, os que perderam, começaram a perseguir-lo), disse.

Segundo Chissano, Mondlane já era perseguido desde a formação desta unidade, se os portugueses temiam-no e outras forças temiam-no, e agora, que formou esta frente e aparecia, realmente, como um líder capaz de levar a bom termo a luta de libertação nacional? Então, foi aí que começaram a perseguir-lo a ameaçarem-no de morte. Ele sabia, já desde Junho da fundação da Frelimo (...) mas ele não temia a morte, o que ele queria era criar um real movimento que não dependesse de um líder, e, portanto, preconizou sempre a unidade e entretanto, ele sempre explicava essa unidade, com muitas conversas, disse. Aliás, Joaquim Chissano fez questão de recordar durante o encontro algumas passagens de Mondlane, tendo dito que não há antagonismo contra a realidade da existência de vários grupos étnicos e a unidade nacional. Nós lutámos juntos e juntos recriámos o nosso país, produzindo uma nova realidade dum novo Moçambique, unido e livre quem dirá que estas passagens pertencem ao passado? questionou Chissano.